

Os advérbios em *-mente* no Português Arcaico: um estudo do estatuto prosódico dessas formas

(*Mode adverbs morphemes in Archaic Portuguese: a study of prosodic status*)

Thais Holanda de Abreu¹

¹Faculdade de Ciências e Letras – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp)

thaishabreu@bol.com.br¹

Abstract: This paper aims study mode adverbs of manner morphemes in Archaic Portuguese (AP) by describing their prosodic status in order to determine whether, in the archaic period of our language, these adverbs could be considered simple forms (one main lexical stress) or compounds (two lexical stresses). For this purpose, a *corpus* consisted of medieval cantigas has been chosen, including 420 religious cantigas in honor of the Virgin Mary, called the Cantigas de Santa Maria (CSM) and 1251 secular cantigas (510 “cantigas de amigo”, 431 “cantigas de escárnio e maldizer” e 310 “cantigas de amor”). The methodology is similar to that proposed by Massini-Cagliari in her studies (1995 and 2005): analysing the metric verses in which the mapped words appear we can find the poetic stress and, consequently, the word stress, making easier the investigation of the prosodic structure of *-mente* adverbs in a previous stage of the language, for which it is impossible to find living native speakers.

Keywords: *-Ment* adverbs; Prosodic status; Archaic Portuguese.

Resumo: O intuito deste trabalho é realizar um estudo dos advérbios em *-mente* no Português Arcaico (PA) por meio da descrição do estatuto prosódico dessas formas, a fim de determinar se, no período arcaico de nossa língua, esses advérbios podiam ser considerados formas simples (um acento principal) ou compostas (dois acentos lexicais). Para isso, foi escolhido um *corpus* constituído das cantigas medievais, das quais fazem parte as 420 cantigas religiosas em louvor à Virgem Maria, chamadas *Cantigas de Santa Maria* (CSM), e as 1.251 cantigas profanas (510 de amigo, 431 de escárnio e maldizer e 310 de amor). A metodologia utilizada é similar à proposta por Massini-Cagliari em seus trabalhos de 1995 e 2005: por meio da escansão dos versos em que se encontram as ocorrências mapeadas poderemos localizar o acento poético e, consequentemente, o acento nas palavras, facilitando a investigação da estrutura prosódica das formas adverbiais em *-mente* de um período da língua em que não existem mais falantes nativos vivos.

Palavras-chave: Advérbios em *-mente*; Estatuto prosódico; Português Arcaico.

Introdução

O propósito deste estudo é fazer uma descrição do estatuto prosódico das formas adverbiais em *-mente* no Português Arcaico (PA), analisando-as como formas simples (um acento lexical) ou compostas (um acento de palavra e um acento secundário).

O acento primário (ou de palavra) é o acento atribuído no léxico, ou seja, no momento de formação de uma palavra. Por outro lado, o acento secundário é uma proeminência prosódica que pode ocorrer ou por efeito das regras de euritmia da língua – uma sequência muito longa de sílabas átonas não é aceitável em português e, por isso, algumas dessas sílabas passam a ter um reforço extra (MASSINI-CAGLIARI; CAGLIARI, 2001, p. 114),

¹ Bolsista de Doutorado, processo n. 2011/18933- 8, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

como em palavras do tipo de “Àraraquára” ou “Pìndamònhangába” – ou por fatores lexicais (morfológicos) em derivados dos sufixos *-íssim(o, a)*, *-mente* e *-zinh(o, a)*. Neste último caso a língua tende a evitar dois acentos adjacentes²: o do radical derivacional (que é deslocado para a esquerda) e o do sufixo.

Ao buscarmos na literatura especializada do português (gramáticas históricas, linguísticas e trabalhos nas diversas áreas do conhecimento linguístico) sobre os advérbios em *-mente*, na maioria das vezes nos deparamos com a mesma discussão: “*-mente* pode ser considerado um sufixo em língua portuguesa”? A respeito disso, alguns estudiosos (BASÍLIO, 2006; CAGLIARI, 1997; CÂMARA JR., 1985) respondem a essa pergunta de forma negativa, expondo que tal elemento NÃO pode ser considerado um sufixo em nossa língua, mas sim uma palavra independente, sobretudo do ponto de vista prosódico.

Cagliari (1997) apresenta os seguintes argumentos³ para não considerarmos *-mente* como um sufixo:

- a) Os advérbios em *-mente* vieram de uma expressão usada no latim vulgar, “em que um adjetivo se associava à palavra ‘mente’” (CAGLIARI, 1997, p. 121);
- b) *-mente* pode ser visto como parte de uma locução e não como um sufixo, uma vez que, embasando-se em Câmara Jr. (1985), as formações em *-mente* teriam dois vocábulos fonológicos, com características próprias de palavras independentes;
- c) *-mente* concorda com a forma adjetival no feminino. Em nenhuma palavra derivada esse fato da concordância entre radical derivacional e sufixo ocorre, exceto nos diminutivos em *-zinh(o, a)*;
- d) o morfema *-mente* pode ocorrer junto apenas do último elemento em construções de coordenação, ou seja, em construções em que “duas ou mais unidades de um mesmo estrato funcional podem combinar-se” (BECHARA, 2005, p. 48), o que não acontece com os sufixos da língua. Por exemplo, há a possibilidade em Português Brasileiro (PB) de estruturas como *ele chegou vagarosa e tranquilamente*, na qual observamos que temos duas bases adjetivais (mesmo estrato funcional) e que, por isso, *-mente* pode ocorrer apenas junto da última base.

Portanto, percebe-se que o “comportamento do sufixo *-mente* na coordenação e em termos acentuais faz com que ele seja considerado um afixo diferente dos outros, com um estatuto mais autônomo do que o de outros afixos” (COSTA, 2008, p. 31). Assim, os advérbios formados com esse sufixo no Português Brasileiro (PB) seriam formas compostas. Nosso objetivo aqui é demonstrar que situação semelhante já ocorria em PA, ou seja, que *-mente* não seria exatamente um sufixo da língua já naquele período, levando em consideração os argumentos para o PB de Cagliari (1997) e alguns critérios de distinção entre formas simples e compostas, expostos em Massini-Cagliari (1999) e retomados por Borges (2008).

2 Quando há esse encontro, denominado pela literatura especializada de choque acentual ou *stress clash*, a fonologia métrica propõe a regra mova α , que desloca um acento de uma posição de choque para uma de não choque (HAYES, 1995).

3 Na seção 3 deste trabalho utilizaremos os argumentos b e c para discutirmos sobre o estatuto prosódico dos advérbios em *-mente* em PA.

Corpus e metodologia utilizados

Para a realização desse estudo, elegeu-se como *corpus* de pesquisa do PA as cantigas medievais galego-portuguesas remanescentes, das quais fazem parte as 420 cantigas em louvor da Virgem Maria, conhecidas como *Cantigas de Santa Maria* (CSM) e as 1.251 cantigas profanas (510 de amigo, 431 de escárnio e de maldizer e 310 de amor). Nossa escolha⁴ por esse tipo de cantiga se deu devido à possibilidade de boas perspectivas de resultados em um trabalho voltado para a área de fonologia de um período passado da língua, pois o caráter poético dessas *cantigas* pode revelar aspectos fonético-fonológicos daquele período que não costumavam aparecer representados na escrita da época:

Quando se tem como objetivo a investigação de elementos prosódicos [...] de um período de uma língua quando ainda não havia tecnologia suficiente para o arquivamento e transmissão de dados orais, a possibilidade de escolha de material entre material poético e não poético para constituição do *corpus* não se coloca. Como os textos remanescentes em PA são todos registrados em um sistema de escrita de base alfabética, sem qualquer tipo de notação especial para os fenômenos prosódicos, fica praticamente impossível de serem extraídas informações [...] a respeito do acento e do ritmo do português desse período, a partir de textos escritos em prosa; o único procedimento possível nesses casos é buscar esses dados na estrutura métrica de textos poéticos, obrigatoriamente alicerçada nas características rítmicas da língua que a ela dá suporte. (MASSINI-CAGLIARI, 1999, p. 142)

Sendo assim, a metodologia que dá suporte ao nosso trabalho é a embasada na proposta de Massini-Cagliari, em seus trabalhos de 1995 e 2005, ou seja, a partir da observação de como o poeta trovador conta as sílabas poéticas e localiza os acentos em cada verso podem ser observados os padrões acentuais e rítmicos da língua na qual os poemas foram compostos. Sobre isso já afirmava Allen (1973, p. 103): “metrical phenomena cannot be ignored, since, especially in the case of dead languages, the relationship between poetry and ordinary language may provide clues to the prosodic patterning”. Portanto, a partir da escansão do poema em sílabas poéticas, podemos ver os limites das sílabas fonéticas. Por exemplo: por meio da metrificação poética e da definição dos limites das sílabas fonéticas, podemos localizar os acentos poéticos e, conseqüentemente, o acento nas palavras, facilitando a investigação de sua estrutura prosódica e permitindo – no caso das formas adverbiais em *-mente* – formular hipóteses a respeito de essas formas serem, no período arcaico do português, simples (um acento lexical) ou compostas (dois acentos lexicais).

Além disso, faz parte da metodologia a consulta a glossários que trazem o significado das palavras existentes em PA, auxiliando-nos na identificação e no mapeamento dos advérbios em *-mente*. Para as CSM, utilizamos o glossário de Mettmann (1972), para as cantigas de escárnio e de maldizer, o de Lapa (1998b), para as cantigas de amor, o de Michaëlis de Vasconcelos (1990) e para as cantigas de amigo, o de Nunes (1972, 1973).

4 Outro motivo que nos levou à escolha das cantigas medievais foi o fato de tais pertencerem ao *corpus* do grupo de pesquisa ao qual esse estudo está vinculado, intitulado *Fonologia do português: arcaico & brasileiro*, registrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Esse grupo congrega estudantes de Graduação e Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), Campus de Araraquara (SP), sob a coordenação da professora doutora Gladis Massini-Cagliari, orientadora do trabalho em questão.

As cantigas medievais – cantigas profanas e religiosas

De acordo com Lapa (1998a[1965], p. 170), a poesia lírica medieval não possui uma única origem, podendo ser de procedência “occitanica” ou provençal e também árabe, como é o caso das cantigas de amigo que, de acordo com esse estudioso, teriam sofrido influência das *muuxahas*, composições do árabe do século X, pois assim como essas, aquelas possuem “uma rapariga suspirando de amor ou saudade pelo seu amigo (habib)” (LAPA, 1998a[1965], p. 174). Porém, segundo Vieira (1987), a origem predominante dessas cantigas era a provençal.

Partindo do pressuposto de que a poesia trovadoresca profana teve origem principalmente provençal, Lapa (1960, p. 11) expõe que a influência desse lirismo era nítida no tema e na forma das cantigas medievais ibéricas, distinguindo, dessa forma, dois tipos de cantigas: as de origem provençal e as de forte tradição popular. À poesia tratada como tradicional, popular, convencionou-se chamar de *cantigas de amigo*, uma vez que “se exprime a dona enamorada que se refere ao amigo”. Por outro lado, às cantigas de origem provençal denominaram-se *cantigas de amor*, nas quais o autor se dirige à mulher amada. Um terceiro tipo de cantigas medievais foram as *cantigas de escárnio e maldizer* (CEM⁵), consideradas de procedência mais popular, nas quais se falava mal de alguém de forma coberta ou descoberta (MASSINI-CAGLIARI, 2005, p. 45), ou seja, se a cantiga falava mal diretamente de alguém era de escárnio, caso contrário, era de maldizer.

As cantigas profanas chegaram até nós por meio de três cancioneiros, podendo ser denominados também códices ou manuscritos: o cancioneiro da Ajuda (A), o *Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa* (antigo *Colocci-Brancuti*) e o *Cancioneiro da Vaticana*.

Além das cantigas profanas, o período arcaico do português apresentava um segundo grupo de composições líricas: as cantigas religiosas, denominadas também de Cantigas de Santa Maria (CSM). Essas são datadas do final do século XIII, período do reinado de Afonso X, o Sábio, compilador desses poemas.

Com relação à temática, as CSM podem ser divididas em cantigas de *miragre* (cantigas de milagre, as quais revelam os feitos milagrosos da Virgem Maria; são poemas narrativos) e cantigas de *loor* (cantigas de louvor, que louvam e fomentam a devoção mariana; poemas líricos). No entanto, devido ao fato de as cantigas de milagre revelarem os milagres da Virgem e, conseqüentemente, encerrarem-lhe louvores, é possível, no fundo, considerar todas as cantigas como de louvor.

Assim como as cantigas profanas, as religiosas foram preservadas em quatro manuscritos antigos⁶: conhecidos como códices: E: El Escorial, Real Monasterio de San Lorenzo, MS B.I.2 (conhecido como Escorial ou códice dos músicos) – o mais completo de todos; T: El Escorial, Real Monasterio de San Lorenzo, MS T.I.1 (códice rico ou códice das histórias) – considerado o mais rico em conteúdo artístico (sobretudo iconográfico); F: Firenze, Biblioteca Nazionale Centrale, Banco Rari, 20 (códice de Florença) – que forma

5 Abreviatura que será utilizada de agora em diante referindo-se às cantigas de escárnio e maldizer, embora não corresponda, como no caso das Cantigas Religiosas (CSM), ao título de nenhuma compilação elaborada na época medieval.

6 O grupo de pesquisa *Fonologia do português: arcaico & brasileiro* (ao qual esta pesquisa está vinculada) tem acesso aos microfílm dos manuscritos e também a duas edições fac-similadas das *cantigas de Santa Maria*.

um conjunto com o códice Escorial rico, uma vez que as cantigas que contém completam o códice T; To: Toledo, Madrid, Biblioteca Nacional, MS 10.069 – o menor e mais antigo de todos, que contém também um índice de cem cantigas.

Embasamento teórico

Nesta seção do presente estudo faremos uma breve explanação sobre a(s) teoria(s) que utilizamos para realizar a descrição do estatuto prosódico das formas adverbiais em *-mente* no português arcaico. Trata-se de alguns critérios de distinção entre formas simples e compostas, que levam em consideração aspectos de ordem fonológica, morfológica e sintática, abordados por Massini-Cagliari (1999) e retomados no trabalho de Borges (2008), no qual essa estudiosa se utiliza de tais critérios para descrever o estatuto prosódico das formas futuras em PA.

Critérios de distinção entre formas simples e compostas

Tomando como base Massini-Cagliari (1999), observamos que a autora propõe quatro critérios de distinção entre formas simples e compostas, os quais foram retomados por Borges (2008).

O primeiro critério de Massini-Cagliari (1999) apresentado por Borges (2008, p. 118) se refere à coocorrência de formas sintéticas e analíticas nas formas futuras em PA. Segundo Borges (2008, p. 118), há no *corpus* das CSM verbos conjugados separadamente, como duas palavras distintas – “*á de salvar*” – e verbos que se fundem em uma única palavra gráfica – “*salvará*” (BORGES, 2008, p. 119, grifo da autora). Ao nos voltarmos às ocorrências adverbiais em *-mente* no PA, percebemos que esse primeiro critério (coocorrência de formas sintéticas e analíticas) pode ser aplicado também às formas adverbiais em questão, pois, como será comentado na seção 3, verificamos no mapeamento dessas formas ocorrências em que *-mente* está escrito junto ou separado de sua base, ou seja, encontramos tanto formas sintéticas (*fortemente*) quanto formas analíticas (*forte mente*) de uma mesma palavra.

Assim, o primeiro critério de Massini-Cagliari (1999) favorece a interpretação de que tanto as formas futuras quanto os advérbios em *-mente* em PA podem ser considerados compostos, “uma vez que há a possibilidade de interpretar as suas partes constituintes como duas palavras distintas, gráfica e prosodicamente” (BORGES, 2008, p. 120).

O segundo critério de classificação de formas verbais em compostas é recuperado de Mateus (1983) por Massini-Cagliari (1999) e exposto por Borges (2008). Tal critério está relacionado ao fato de as formas verbais futuras em PA terem a possibilidade de mesóclise. De acordo com Borges (2008), de 230 ocorrências de verbos na forma futura acompanhados de pronomes clíticos mapeadas nas cantigas religiosas, 53 dessas (23%) apresentavam pronomes mesoclíticos, como é o caso de “*dar-ch-ei*” e “*vingar-m-ei*” (BORGES, 2008, p. 124-125, grifos da autora). Devido a esse aspecto da mesóclise presente nas formas futuras em PA, Borges (2008, p. 124) afirma ser possível classificar os verbos futuros nesse período da língua como compostos, uma vez que tais formas, assim como os compostos

[...] têm coesão interna, isto é, não podem sofrer interpolação de material lingüístico (LAROCA, 2001, p. 22), ao passo que perífrases são permeáveis à inclusão de material lingüístico interveniente (ex: *Vou certamente fazer isto amanhã*). (BORGES, 2008, p. 124, grifos da autora)

Em outras palavras, as formas verbais futuras são compostas, pois ao serem inseridos nessas os pronomes mesoclíticos em posição medial é necessário que haja coesão interna entre as partes constituintes das formas futuras, assim como na formação de palavras como *guarda-chuva*, ou seja, não se pode ter uma ordem aleatória desses componentes; não se pode ter uma alternância (interpolação) entre esses, mas essa coesão interna não é tão grande quanto em palavras como *chuveiro*, uma vez que é possível interpolar material lingüístico entre as partes constituintes do verbo. Durante a coleta dos advérbios em *-mente* nas cantigas medievais não foi possível mapear nenhuma ocorrência com inclusão de material lingüístico entre a forma de base e o “sufixo” adjungido a essa. Logo, pode-se inferir que o segundo critério apresentado por Borges (2008) para a distinção entre formas simples e compostas (possibilidade de interveniência de material lingüístico entre as partes constitutivas da forma) não pôde ser aplicado às adverbiais encontradas no *corpus* referido.

O próximo critério apontado por Borges (2008, p. 125) é recuperado de Williams (1973, p. 211) por meio de Massini-Cagliari (1999). Segundo Williams, esse critério está relacionado ao fato de que no português medieval era possível encontrar dois futuros com uma única terminação e, assim, a independência entre o verbo no infinitivo e seu auxiliar *aver*, leva a crer que havia duas palavras naquele período (PA). Tal critério não foi possível de ser aplicado nem para as ocorrências de formas futuras mapeadas por Borges (2008), nem para as ocorrências adverbiais em *-mente*.

Por fim, o último argumento que Borges (2008, p. 125) retoma de Massini-Cagliari (1999) para a distinção de formas simples e compostas é o de padrão acentual das formas futuras em PA. Para isso, a autora da tese intitulada *Estrutura morfofonológica das formas futuras nas Cantigas de Santa Maria* (BORGES, 2008) realiza uma revisão de conceitos de inúmeros estudiosos da fonologia, a começar por Massini-Cagliari (1999), que afirma:

Um outro argumento provém dos próprios padrões acentuais dessas formas, todas oxítonas. Ora, se não se tratasse de um composto, a forma da 3ª pessoa do singular deveria ser paroxítona, pois termina em vogal aberta. Entretanto, isto não ocorre, porque esta forma é composta do infinitivo do verbo principal mais o verbo *auer* na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo, que é monossílabo, sobre o qual é erguido em pé degenerado (MASSINI-CAGLIARI, 1999, p. 181).

Além disso, Borges (2008, p. 241, grifos nossos), embasada em Massini-Cagliari (1999), afirma que “a acentuação em português *depende da constituição morfológica da palavra*, e que a regra geral que determina a aplicação do acento deve levar em conta a relação entre o radical ou tema e os morfemas que lhe seguem”. Ao destacarmos a dependência da constituição morfológica no processo de atribuição do acento em português queremos enfatizar que isso pode ser observado também nas formas adverbiais em *-mente* mapeadas, como mostrará a próxima seção.

Apresentação e descrição dos resultados

A Tabela 1 a seguir nos mostra a coleta de dados no *corpus* desse estudo de todos os casos de advérbios em *-mente* nas 420 cantigas religiosas em louvor à Virgem Maria, nas 431 cantigas de escárnio e de maldizer, nas 310 cantigas de amor e nas 510 cantigas de amigo:

Tabela 1 – Total de ocorrências de advérbios em *-mente* nas cantigas medievais.

Ocorrências de advérbios em <i>-mente</i> cantigas religiosas + cantigas profanas	Subtotal
Cantigas de amigo	1 (0,6%)
Cantigas de amorigas de Amigo Mariaas religiosas + cantigas profanas	15 (8,5%)
Cantigas de escárnio e de maldizer	14 (8,0%)
Cantigas de Santa Maria	145 (82,9%)
TOTAL	175 (100%)

Ao observarmos a Tabela 1 exposta, verificamos que dentre as cantigas medievais analisadas, as religiosas foram as que mais apresentaram ocorrências de advérbios em *-mente* (145 de 175), aproximadamente 83% das ocorrências mapeadas estavam no *corpus* dessas cantigas. Em segundo lugar de produtividade ficam as cantigas de amor (8,5%) e as cantigas de escárnio e de maldizer (8%). Por fim, temos as cantigas de amigo, as quais apresentaram o menor índice de produtividade dentre as cantigas mapeadas (0,6% do total de ocorrências).

Para evidenciarmos a estrutura morfológica das ocorrências mapeadas, expomos a seguir as Tabelas 2, 3, 4 e 5, que levam em consideração a natureza do gênero (masculino ou feminino) das bases que formavam os advérbios em *-mente* em PA:

Tabela 2 – Advérbios em *-mente* formados a partir de bases adjetivas femininas ou sem flexão de gênero⁷ nas 420 cantigas religiosas.

Ocorrências de advérbios em <i>-mente</i> formados a partir de bases adjetivas	Subtotal
Femininas	109 (75%)
Sem flexão de gênero	36 (25%)
TOTAL	145 (100%)

Tabela 3 – Advérbios em *-mente* formados a partir de bases adjetivas femininas ou sem flexão de gênero nas 431 cantigas de escárnio e de maldizer.

Ocorrências de advérbios em <i>-mente</i> formados a partir de bases adjetivas	Subtotal
Femininas	10 (72%)
Sem flexão de gênero	4 (28%)
TOTAL	14 (100%)

⁷ Para maiores esclarecimentos sobre o motivo que nos levou a denominar as bases adjetivas que não eram femininas de bases sem flexão, conferir adiante explicações embasadas em Câmara Jr. (1979).

Tabela 4 – Advérbios em *-mente* formados a partir de bases adjetivas femininas ou sem flexão de gênero nas 310 cantigas de amor.

Ocorrências de advérbios em <i>-mente</i> formados a partir de bases adjetivas	Subtotal
Femininas	14 (93%)
Sem flexão de gênero	1 (7%)
TOTAL	15 (100%)

Tabela 5 – Advérbios em *-mente* formados a partir de bases adjetivas femininas ou sem flexão de gênero nas 510 cantigas de amigo.

Ocorrências de advérbios em <i>-mente</i> formados a partir de bases adjetivas	Subtotal
Femininas	1 (100%)
Sem flexão de gênero	0 (0%)
TOTAL	1 (100%)

As tabelas expostas nos mostram que nos três tipos de cantigas medievais estudadas a estrutura morfológica dos advérbios aqui focalizados é predominantemente aquela em que se seleciona uma base adjetiva *feminina* para se adjungir a *-mente*.

Sobre as bases adjetivas que não trazem explicitamente a noção de gênero feminino, Câmara Jr. (1979) afirma que o fato de um adjetivo não trazer indicação formal de masculino e feminino já ocorria no latim, em palavras como: *tristem* (triste), *generalem* (geral)⁸ e ocorre também no português. Segundo esse autor, desde a origem de nossa língua, “a flexão de feminino é característica dos adjetivos de tema em *-o*” (CÂMARA JR., 1979, p. 84), ou seja, o feminino dos adjetivos em português é feito a partir dos adjetivos terminados naquela vogal. Esse fato, como já exposto anteriormente, foi constatado também nos dados coletados nas cantigas medievais em que as bases femininas formadoras dos advérbios em *-mente* (que eram a maioria) tinham seus correspondentes terminados em *-o* (*fremoso/fremosa*, *comprido/comprida*, *espesso/espessa*). Porém, as bases que não eram femininas não tinham um correspondente em *-o* (*leal/*lealo*, *natural/*naturalo*, *sotil/*sotilo*, *firme/*firmeo*, *forte/*forteio*). Assim, os adjetivos que não são terminados em *-o* não possuem a forma feminina e, conseqüentemente, não flexionam, uma vez que não podemos ter uma mudança para uma palavra terminada em *-o*. É por esse motivo que convencionamos chamar as bases que não eram femininas de bases sem flexão de gênero nas cantigas medievais.

Como vimos na seção introdutória deste artigo, Cagliari (1997) constata que também no Português Brasileiro (PB) a maioria dos advérbios em *-mente* é formada por bases femininas. Para esse autor, tal fato pode indicar que na formação dos advérbios em *-mente* no PB não temos um processo de derivação, pois há uma concordância entre base (*exata* – adjetivo feminino) e *mente* (feminino, do latim *mente*)⁹ que não é típica da maioria dos processos derivacionais.

Assim, parece que para o PA algo semelhante acontecia, o que pode nos indicar que não estamos diante de um processo derivacional, como inúmeras gramáticas afirmam, e que *-mente* não seria um *sufixo* da língua, mas uma palavra independente, que se adjuge a uma palavra já flexionada no feminino, como por exemplo, a ocorrência

8 Exemplos extraídos de Câmara Jr. (1979, p. 74).

9 Exemplos nossos.

fremosamente (CEM, 130, 18) em PA, na qual temos uma base feminina (*fremosa*) unida à forma *-mente*. Portanto, a partir dessa reflexão inicial supomos que as formas adverbiais em *-mente* no PA poderiam ser classificadas não como parte de um processo derivacional, mas sim compostas, no sentido de que se tratavam de palavras independentes.

Comumente os advérbios em *-mente* aparecem nas cantigas medievais grafados até mesmo em versos – conforme se vê no exemplo (1), adiante – ou hemistíquios separados – tal qual consta do exemplo (2), abaixo –, comprovando que na formação desses advérbios há duas palavras que podem ser consideradas independentes.

- (1) Vida e deserta;
de que será certa
quando vir *aberta-*
mente que nascia (CSM 195, verso 145).
- (2) Ond' avêo en Caorce | dũa moller que ssa filla
ouve mui grande fremosa; | mais o diabo, que trilla
aos seus, fillou-a *forte* | *mente* a gran maravilla (CSM 343, verso 17).

O exemplo (1) nos mostra que, na ocorrência *abertamente*,¹⁰ a base *aberta* está em posição de final de verso e rima com as outras palavras nessa posição, como *deserta* e *certa*, fato esse que comprova a independência tanto das bases quanto da forma *-mente*. Em (2) cada uma das partes constitutivas da palavra *fortemente* encontra-se em hemistíquios diferentes, comprovando certa independência dessas partes.

Utilizando-nos do primeiro critério de Massini-Cagliari (1999) (coocorrência de formas sintéticas e analíticas), verificamos que a ocorrência *fortemente*, assim como inúmeras outras mapeadas nas cantigas medievais, ora é grafada como em (3) – base juntamente ao elemento *-mente* –, ora é grafada como em (2), base grafada em versos separados.

- (3) O castelo *fortemente* | foi derredor combatudo
e os muros desfezeron, | ond' en gran medo metudo
foi o poblo que dentr' era; | e pois que sse viu vençudo,
colleu-sse a hũa torre | mui fort'. E de cada lado
Oraçon con piadade | oe a Virgen de grado (CSM 205, verso 27).

A partir dos exemplos (2) e (3) podemos afirmar que a possibilidade de ocorrer para uma mesma palavra forma analítica (*forte mente*) e forma sintética (*fortemente*) nos dá indícios de que as partes formadoras dos advérbios em *-mente* em PA possam ser duas palavras distintas, independentes, do ponto de vista prosódico.

Com relação ainda ao fato de *-mente* ser uma palavra independente e não um sufixo da língua portuguesa, encontramos nos dados coletados outra evidência que comprova

10 Em *abertamente*, assim como em outras formas adverbiais mapeadas nas cantigas medievais, temos o exemplo do fenômeno poético denominado *enjambment*. Tomando como base Fabb e Halle (2012, p. 10), o *enjambment* “*may end in the middle of words or put differently*”. Além disso, os autores mostram que esse fenômeno é comum com os advérbios em *-mente* na poesia do espanhol, do italiano e do francês, como podemos observar em um exemplo do francês, retirado dos mesmos autores e cujos grifos são nossos: “*D’être, grâce à votre talent de femme exquisite- / Ment amusante, decore d’un doigt subtil*”.

isso. Tal indício diz respeito à posição que determinado advérbio aparece no verso em que foi mapeado. Nos três tipos de cantigas medievais analisadas, todas as vezes que um advérbio em *-mente* foi localizado em posição de final de verso, esse rimava com as palavras dos outros versos da cantiga, como podemos observar no exemplo abaixo:

- (4) Porque sol dizer a *gente*
do que ama *lealmente*:
«se s'én non quer enfadar,
na cima gualardon prende,»
am' eu e sirvo por ende. (CA 307, verso 32)

O exemplo acima mostra a ocorrência *lealmente* em posição final de verso. Ao apresentar a possibilidade de rima com outras palavras da cantiga, tal advérbio nos indica que o acento principal recai em *mente*, uma vez que as palavras em posição de rima “são, com certeza, portadoras do acento principal” (MASSINI-CAGLIARI; CAGLIARI, 1998, p. 97). Portanto, verifica-se que há um acento na sílaba *men*, em *-mente*.

O exemplo (4), em que o advérbio está em posição de rima, comprova que *-mente* poderia apresentar acento lexical próprio no PA, mas para comprovar que a base formadora desse advérbio também possuía acento lexical, o mais adequado é partir das formas em que a base também está em posição de rima, conforme se vê no exemplo (5) logo a seguir para a base *leal*, pelo motivo já explicado.

- (5) Diss' enton Santa Maria: | «Vai, demo chëo de mal,
cuidasch' a meter a daño | a mia serventa *leal*;
mas de quanto tu cuidaste | eu cho tornarei en al,
ca te tollo que non possas | ja mais fazer-lle pesar.»
O que en Santa Maria | de coraçon confiar. (CSM 216, versos 45-49)

Observando o exemplo (5) e tomando como base os trabalhos de Massini-Cagliari (2005) e Costa (2010), percebemos que a base *leal* possui o acento de palavra (lexical) na sílaba *al*, já que rima com a palavra *mal*, do verso anterior. Ao retornarmos ao exemplo em que temos a forma *lealmente*, constatamos que o acento lexical que estava na sílaba *al* (quando a base não estava adjungida a *-mente*) passou a ser uma proeminência secundária na sílaba *le* quando unida à forma *-mente*, como podemos observar na metrficação a seguir:

- | | |
|---|---------|
| (6) Por/ <i>que</i> / sol/ di/ <i>zer</i> / a/ <i>gen</i> te | 2-3-5-7 |
| do/ <i>que</i> / a/ <i>ma</i> / <i>le</i> / <i>al</i> / <i>men</i> / <i>te</i> : | 2-3-5-7 |
| « <i>se</i> / <i>s'én</i> / <i>non</i> / <i>quer</i> / en/ <i>fa</i> / <i>dar</i> , | 1-3-4-7 |
| na/ <i>ci</i> / <i>ma</i> / <i>gua</i> / <i>lar</i> / <i>don</i> / <i>pren</i> / <i>de</i> ,» | 2-4-6-7 |
| a/ <i>m' eu</i> / e/ <i>sir</i> / <i>vo</i> / por/ <i>en</i> / <i>de</i> | 2-5-7 |
- (CA 307, verso 32)

Assim, podemos dizer que a forma *lealmente* possui dois acentos: um lexical, na sílaba *men*, e outro secundário, na sílaba *le*. Se nos embasarmos no último critério de Massini-Cagliari (1999), retomado por Borges (2008), podemos afirmar também que o acento secundário é condicionado por razões morfológicas (lexicais), uma vez que foi

devido à adjunção de *-mente* à palavra *leal* que observamos o deslocamento do acento da sílaba *al* para a sílaba *le*.

A estrutura morfológica determina, inclusive, o intervalo regular entre os acentos secundários. Retomando Costa (2010, p. 179), “os acentos secundários ocorrem em um intervalo bastante regular, a cada segunda sílaba” e é justamente isso que observamos no exemplo da palavra *lealmente*. Percebe-se que o acento secundário recai sobre a segunda sílaba após a tônica, ou seja, na sílaba *le*. Nessa formação o acento secundário não é representado pelo acento da própria base adverbial¹¹, que é deslocado de sua posição, uma vez que há um choque acentual entre *-mente* e o acento de palavra da base *leal*.

Apresentamos ainda como evidência para considerarmos os advérbios em *-mente* palavras formadas a partir de elementos autônomos a ocorrência de processos de *coordenação* com essas formas adverbiais. Por exemplo, em PB há a possibilidade de estruturas como *Ele chegou vagarosa e tranquilamente*. Apesar de os dados mapeados nas cantigas medievais nos fornecerem uma estrutura coordenativa, o primeiro advérbio na coordenação (*mal*) – conforme exemplo a seguir – NÃO apresenta a terminação *-mente*, fato esse que nos leva a não utilizar tal argumento para a definição de elementos autônomos na formação dos advérbios em *-mente* no período arcaico da nossa língua.

- (7) Ena Groriosa,
e a razoar
mal e soberviosamente (CSM 192, verso 220).

Com relação aos outros critérios de Massini-Cagliari (1999), retomados por Borges (2008), vimos que os de número 2 (possibilidade de mesóclise) e 3 (dois futuros formados com uma só terminação como *direy* e *non estar*) não são aplicáveis às formas adverbiais em *-mente* no PA.

No caso do critério da possibilidade de mesóclise, a inclusão de material linguístico entre as formas constituintes de uma palavra é possível nas formas verbais futuras, como em “*dar-ch-ei*” (BORGES, 2008). No caso dos advérbios focalizados neste estudo, a possibilidade de interveniência de material linguístico entre as partes constitutivas da forma não pôde ser aplicada a esses advérbios como característica das formas compostas.

No entanto, podemos aproveitar o que Laroca (2001, p. 22) afirma sobre os nomes compostos – a questão da coesão interna e a impossibilidade de alternância entre os constituintes – para analisar os advérbios tanto em PA como em PB. Tomando como exemplo a ocorrência *fremosamente*, perceberemos que sua ordem “natural” é *fremosa* (base) + *-mente* (“sufixo”), isto é, essa ocorrência, assim como qualquer outra adverbial possui uma ordem fixa em sua formação (base + sufixo), uma coesão interna que *não* permite a interpolação de material linguístico nem a alternância da ordem dos constituintes, por exemplo, **mentefremosa*. Em PB também constata-se situação semelhante, uma vez que temos *formosamente* (base + sufixo) e não **menteformosa*.

Assim, se utilizarmos o critério de coesão interna de Laroca (2001, p. 22) para a análise das formas adverbiais em *-mente*, podemos afirmar que essas têm uma proximidade com os nomes compostos.

¹¹ A localização dos acentos nas bases derivacionais formadoras dos advérbios em *-mente* foi realizada por meio da consulta aos trabalhos de Costa (2006, 2010).

No caso do critério 3, trata-se de um argumento somente aplicável às formas verbais futuras.

Considerações finais

A análise aqui realizada mostrou que as ocorrências de advérbios em *-mente* no PA apresentam inúmeras evidências para serem classificadas como formas independentes, autônomas. Uma dessas diz respeito ao fato de essas formas apresentarem na maioria dos casos mapeados a seguinte estrutura morfológica: base adjetiva feminina + *-mente*. A partir disso, pode-se inferir que não se trata de um processo derivacional, pois, como já discutido, há uma concordância de gênero entre a base feminina e a forma *-mente* (originária da palavra latina feminina *mens*, intenção em português), fato esse que não ocorre com os outros processos derivacionais da língua. Logo, cada uma das partes que entram na formação dos advérbios em *-mente* poderiam ser consideradas independentes.

Outras evidências que sugerem estarmos diante de formas independentes estão relacionadas ao modo como os advérbios em *-mente* apareceram nas cantigas medievais analisadas, considerando a posição no verso e se são grafados separadamente. Vimos que, quando tais advérbios localizam-se em posição de final de verso, o elemento *-mente* rima com as palavras expostas nos outros versos das cantigas, o que nos leva a concluir que *-mente* possui acentuação própria, como uma palavra independente da língua. Além disso, algumas vezes os componentes morfológicos dos advérbios em *-mente* não são grafados juntos, apontando-nos a possibilidade de se tratarem de formas autônomas, com acentos próprios.

Portanto, por meio das evidências e critérios expostos anteriormente, a discussão realizada nesse artigo nos aponta para a possibilidade de o estatuto prosódico das formas adverbiais em *-mente* no PA ser definido como composto, ou seja, formas com acento de palavra mais uma proeminência secundária.

REFERÊNCIAS

- ALLEN, W. S. *Accent and rhythm: prosodic features of Latin and Greek, a study in theory and reconstruction*. Cambridge, England: Cambridge University Press, 1973.
- BASÍLIO, M. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- BORGES, P. R. *Estrutura morfofonológica das formas futuras nas cantigas de Santa Maria*. 2008. 309 f. Tese (Doutorado em Linguística, área de concentração Morfologia e Fonologia) – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, SP, 2008.
- CAGLIARI, L. C. *Fonologia do português: análise pela geometria de traços e pela fonologia lexical*. Campinas, SP: [s.n.], 1997.

CÂMARA JR., J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

_____. *História e estrutura da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

COSTA, D. S. da. *A interface música e linguística como instrumental metodológico para o estudo da prosódia do português arcaico*. 2010. 200 f. Tese (Doutorado em Linguística, área de concentração Fonologia) – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, SP, 2010.

_____. *Estudo do acento lexical no português arcaico por meio das cantigas de Santa Maria*. 2006. 163 f. Dissertação (Mestrado em Linguística, área de concentração Fonologia) - Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, SP, 2006.

COSTA, J. *O advérbio em português europeu*. Lisboa, Portugal: Colibri, 2008.

FABB, N.; HALLE, M. *Meter in poetry: a new theory*. Cambridge, England: Cambridge University Press, 2012.

HAYES, B. *Metrical stress theory: principles and case studies*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

LAPA, M. R. *Cantigas d'escarnho e de mal dizer dos cancioneiros medievais portugueses*. 3. ed. Lisboa, Portugal: João Sá da Costa, 1998a.

_____. *Crestomatia arcaica*. Belo Horizonte, MG: Itatiaia, 1960.

_____. Glossário cantigas d'escarnho e de mal dizer dos cancioneiros medievais portugueses. In: *Cantigas d'escarnho e de mal dizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses*. Lisboa, Portugal: João Sá da Costa, 1998b. p. 289-393.

LAROCA, M. N. C. *Manual de morfologia do português*. Campinas, SP: Pontes, 2001.

MASSINI-CAGLIARI, G. *A música da fala dos trovadores: estudos de prosódia do português arcaico, a partir das cantigas profanas e religiosas*. 2005. 348 f. Tese (Livre Docência em Linguística, área de concentração Fonologia) – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, SP, 2005.

_____. *Cantigas de amigo: do ritmo poético ao linguístico. Um estudo do percurso histórico da acentuação em português*. 1995. 300 f. Tese (Doutorado em Linguística, área de concentração Fonologia) – Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1995.

_____. *Do poético ao linguístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 1999.

MASSINI-CAGLIARI, G.; CAGLIARI, L. C. De sons de poetas ou estudando fonologia através da poesia. *Revista da Anpoll*. São Paulo, n. 5, p. 77-105, 1998.

_____. Fonética. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. v. 1. São Paulo: Cortez, 2001. p. 105-146.

MATEUS, M. H. M. *O acento de palavra em português: uma nova proposta*. Lisboa, Portugal: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1983. p. 231-248.

METTMANN, W. *Cantigas de Santa Maria* (cantigas 1 a 100). Madrid, Espanha: Castalia, 1986.

_____. *Cantigas de Santa Maria* (cantigas 101 a 260). Madrid, Espanha: Castalia, 1988a.

_____. *Cantigas de Santa Maria* (cantigas 261 a 427). Madrid, Espanha: Castalia, 1988b.

_____. Glossário. In: AFONSO X, O SÁBIO. *Cantigas de Santa Maria*. v. 4. Coimbra, Portugal: Universidade, 1972.

MICHAËLIS DE VASCONCELOS, C. Glossário do cancionero da ajuda. *Revista Lusitana*, XXIII. In: *Cancioneiro da ajuda*. v. 1. Lisboa, Portugal: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1990. p. 1-95.

NUNES, J. J. *Cantigas d'amigo dos trovadores galego-portugueses*. Lisboa, Portugal: Centro do Livro Brasileiro, 1973.

_____. *Cantigas de amor dos trovadores galego-portugueses: nova edição*. Lisboa, Portugal: Centro do Livro Brasileiro, 1972.

VIEIRA, Y. F. *Poesia medieval: literatura portuguesa*. São Paulo: Global, 1987.

WILLIAMS, B. *Do latim ao português*. 3. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.